



Centro de Estudos de Administração
Pública e Governo da EAESP

Mesa Redonda da Madeira Tropical Sustentável

Relatório consolidado do evento realizado em 24/09/2013

Belém – Pará

Relatora: Raquel Sobral Nonato

São Paulo

Setembro, 2013

Apresentação

Este Relatório tem como objetivo reunir os principais pontos discutidos no 2º Encontro da Mesa Redonda da Madeira Tropical Sustentável, ocorrido em 24/09/2013 das 13:30 as 17:30 no Hangar Centro de Convenções da Amazônia em Belém do Pará – PA.

O projeto Mesa Redonda da Madeira Tropical Sustentável, promovido pela RAA I FGV; WWF e TRAFFIC; com o apoio da *Comissão Europeia, Forest Legality Alliance e World Resources Institute*, tem como objetivo viabilizar o mercado da madeira tropical sustentável, por meio de diálogos intersetoriais para a promoção da governança do setor florestal.

Como resultados desse projeto, são esperados avanços para o setor, tais como: Uma avaliação do sistema atual referente à sustentabilidade da cadeia da madeira tropical provida da Amazônia. Buscando combater a “falsa legalidade” da madeira e construir uma proposta conjunta a ser debatida e apresentada ao governo. E também um entendimento dos desafios técnicos, regulatórios e políticos para o mercado de madeira tropical sustentável, a fim de propor soluções estratégicas que viabilizem tal mercado.

Assim, o relatório está dividido em:

- (i) Introdução.
- (ii) Discussão em grupo
- (iii) Compromissos/Encaminhamentos

Introdução

Qual a agenda positiva que o setor florestal pode criar para melhorar o ambiente de negócios da madeira tropical?

Com essa pergunta norteadora o segundo encontro no contexto da Mesa Redonda da Madeira Tropical Sustentável foi iniciado. Reunindo 27 participantes representando os diversos setores da cadeia (empresarial e terceiro setor), o evento foi uma grande oportunidade para estreitar o diálogo entre os atores envolvidos, visando construir um ambiente de negócios bem como apontar caminhos para garantir a legalidade e a sustentabilidade da madeira de origem amazônica.

Os facilitadores das discussões da mesa (Rafael Murta e Carolina Reis) iniciaram os trabalhos por volta das 13h40, onde retomaram os resultados colhidos no primeiro encontro (realizado em Julho, na cidade de São Paulo), nesse momento também foram apresentados os pontos norteadores do segundo encontro envolvendo a referida temática. Se no primeiro encontro prevaleceu um viés que muito se aproximou da identificação de gargalos no setor de madeira tropical (fiscalização, tributação, sistemas de verificação), o segundo encontro veio com o intuito de criar um ambiente de negócios para as discussões sobre a governança da madeira sustentável, com vistas a criar uma lógica empresarial para o enfrentamento de alguns dos problemas identificados que transpassem a necessidade de intervenção estatal.

Em seguida, Ricardo Russo (WWWF), Ana Fanzeres (Traffic), Thaís Megid (RAA) realizaram uma breve contextualização institucional. Nela, foram destacados os desafios do setor, considerando todas as especificidades para a garantia da legalidade e da sustentabilidade da produção e do consumo responsável de madeira, bem como foi levantada a importância de espaços para o diálogo permanente e de intermediação entre atores do setor, além de facilitar reflexões em torno de critérios que podem integrar um pacto setorial. Ainda no âmbito da contextualização institucional, os representantes colocaram a importância de trazer essa discussão para o Pará, estado

com relevância nacional no que se refere a produtos e subprodutos de origem amazônica.

Uma vez finalizado esse processo de apresentação da proposta, os facilitadores apresentaram a dinâmica de trabalho do encontro. Os participantes foram divididos em 3 subgrupos, divididos preferencialmente de modo a reunir representantes das diversas fases da cadeia. Cada grupo elegeu um relator que ficou a cargo de registrar as discussões e apresentar os resultados aos demais participantes. As discussões foram realizadas em torno das seguintes questões:

1ª rodada de perguntas

O que minha empresa/negócio pode fazer para garantir mais segurança à madeira produzida e comercializada? (produtores/processadores)

O que minha empresa/negócio precisa para garantir mais segurança à madeira adquirida? (consumidores/distribuidores)

2ª rodada de perguntas

Ao longo da cadeia produtiva da madeira tropical, como podemos construir relações comerciais de confiança.

Discussão em Grupo

Após uma rodada de discussões, os relatores apresentaram os resultados de cada subgrupo.

Grupo 1

Camila Nardon foi relatora do grupo. Ela iniciou sua fala exaltando a formação híbrida do grupo, reunindo representantes da sociedade civil e do mercado. Respondendo as questões apresentadas dentro de um mesmo contexto, o grupo vê que uma questão central é a conscientização do consumidor final.

Isso porque, na visão do grupo, não basta que as empresas obtenham certificações se não for realizado de maneira clara, para o fácil entendimento dos consumidores. Para garantir relações de confiança ao longo da cadeia produtiva, o grupo ressaltou a importância de um espaço de diálogo entre produtor e fornecedor. Afinal, Como podemos trabalhar esse produto? Por que essa especificação? Ter essa aproximação dos dois pontos da cadeia trariam resultados significativos no setor, além de promover maior transparência.

Entre as estratégias propostas pelo grupo, a importância da gestão de risco para garantir a segurança das relações entre os produtores e consumidores foi elucidada. Nesse sentido, conhecer as dificuldades dos produtores é fundamental. Reconhecer a fragilidade do DOF também. Uma ferramenta lembrada para apoiar a gestão de risco foi o FGTVN, instrumento que realiza levantamento com todas as empresas de maneira legal. Com efeito, o grupo argumenta que isso não tira a responsabilidade da empresa fazer a própria gestão de risco, ficando a cargo dos empresários, por exemplo, realizar uma listagem com os fornecedores em potencial. Para tanto, o grupo aponta para a necessidade das empresas darem maior publicidade e transparência aos mecanismos de controle, seja na serraia seja no plano de manejo.

Grupo 2

Ana Fanzeres foi relatora deste grupo. Também destacou a formação dos grupos heterogêneo, considerando os diferentes segmentos da cadeia, tais como produtores, fornecedores, assessores, representantes do governo etc. Sobre as primeiras duas perguntas, o grupo ressaltou que há falta de segurança jurídica e falta de qualificação da mão-de-obra. Embora as pessoas desejem tal segurança, não estão dispostas a pagar mais por isso. Para o grupo, é necessário mudar a consciência do comprador pois essa base de confiança é fundamental nesse processo.

Sobre a segunda rodada de perguntas, o grupo pontuou a relevância de um meio de verificação de demandas, identificando grandes compradores com vistas a gerar um mecanismo de confiança. É necessário demonstrar o esforço em torno disso para gerar valor. Para tanto, é preciso de um processo de sensibilização de atores envolvidos, de modo a criar um novo ambiente de negócios, gerando demanda por valores como profissionalismo, liderança, comprometimento, entre outros.

Grupo 3

Sandro Bracch foi relator do grupo. Também destacou o fato do grupo ser heterogêneo, o que contribuiu para o nível das discussões serem bastante aprofundadas. O grupo apontou para a criação de um cadastro positivo dirigido ao consumidor final, que poderia encontrar com as empresas que trabalham de maneira correta, obtendo assim, a certeza da legalidade da madeira.

Concebendo que o trabalho pode ser muito mais longo que o setor poderia proporcionar, o grupo propõe que sejam criadas alternativas que rompam com as estruturas atuais. A ideia é criar um projeto piloto onde seria possível identificar todas as fases da gestão da madeira tropical, primadas por valores como bom desempenho, rastreabilidade, inovação de produção e tecnologia. . Nesse sentido, o consumidor final obteria maiores informações ao longo de todo o processo.

Com uma pressão ambiental menor, haveria a promoção de uma maior segurança em toda cadeia. Tal modelo possui alto potencial de difusão em outros territórios. Considerando que a pesquisa e a tecnologia em torno da temática de florestas tropicais

é incipiente, maiores insumos e incentivos traria contribuições importantes para o referido setor. Para operacionalizar o projeto piloto, o grupo ressalta que ele seria criado a partir da movimentação de atores pré-dispostos a colaborar, com o aporte de uma organização internacional.

Intervenções dos participantes

As falas que seguiram demonstraram as posições convergentes e divergentes do grupo participante. De um lado, há resistência de alguns atores – sobretudo no âmbito dos produtores – que atribui ao governo a responsabilidade para realizar a gestão da fiscalização da madeira nativa, nesse caso, antes de “criar novas regras” seria mais cabível “fazer valer o que já existe” e facilitar o entendimento sobre os sistemas de verificação.

Por outro lado, alguns participantes apontaram para a necessidade de criar mecanismos de controles próprios, para além da ação do Estado. Além disso, os participantes elucidaram a relevância da estruturação do projeto de manejo (diante dos limites da cadeia de custódia) bem como para o Plano de Controle de Produção Florestal.

As últimas intervenções versaram sobre a necessidade de criar um grupo de valores e critérios que possibilitem a adesão do mercado. Para tanto, é necessário que os atores empresariais promovam maior transparência e publicidade em suas atividades.

Compromissos/Encaminhamentos

Ao final das apresentações dos grupos, os facilitadores realizaram o fechamento do II Encontro no contexto da Mesa Redonda da Madeira Tropical Sustentável. Entre os pontos de convergência possíveis de serem identificados nas falas dos participantes, estão a necessidade da mudança de mentalidade dos consumidores e a importância dos empresários realizarem a gestão de risco para fortalecerem os elos de confiança na cadeia.

Essas ações podem ser realizadas pela lógica empresarial, não necessariamente sendo dependentes da ação do Estado. Para tanto, é necessário discutir sobre o nível de transparência dos mecanismos de controle das empresas que envolvem o setor. Um encaminhamento do grupo é trabalhar na proposta do projeto piloto, angariando os potenciais colaboradores e definindo as respectivas estratégias de ação.

No tocante ao Pacto setorial de madeira tropical, o encaminhamento é a disseminação das reflexões promovidas no referido encontro, com objetivo de buscar novas adesões (Exemplo: Forum Nacional de Bases Florestal), de modo a incluir nas referidas discussões as especificidades regionais e amadurecer cada vez mais a resposta do setor para a governança da madeira legal e sustentável.

Lista de Participantes

Anna Fanzeres – Traffic – Brasil
Bianca M. Bortolato – AMATA
Bruno Brazil de Souza - Imaflora
Camila Nardon – TFT
Carolina Reis – RAA/FGV
Cesar Liima – Serviço Florestal Brasileiro
F. Antonio Moretti – AM Logistica
Fernando – Unifloresta
Frederico Brandão – WWF
George Dobre – LIBA – Acre
Guilherme Carvalho – Aimex
Helio Oliveira P. J – Unifloresta
Jean David Rodrigues – ID. Madeiras
José Humberto Chaves – Serviço Florestal Brasileiro
Julio Cesar Badrega – AMF-MT
Marcos Planello – Imaflora
Mario Cardoso – CNI-DF
Mauro oliveira pires – ICMBIO
Nhaidí Bohoyuz – Traffic America do Sul
Priscila Monteiro – Sete comunicação
Rafael Murta – RAA/FGV
Raquel Sobral – RAA/FGV

Ricardo Russo – WWF

Sandro Bracchi – Aribor Native

Tarcisio Tettora – Aroio Yowtaru

Thais Megid – RAA/FGV

Thiago Dias – C.kel

Welinton Pestana – Unifloresta